

FÓRUM DE PSICANÁLISE COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

(17 de AGOSTO / 2021)

O peso do Sujeito na psicanálise, quanto mais cedo, pior

Um agradecimento aos colegas, Ivana e Luiz Alberto, pelo convite para participar desta atividade do Espaço Moebius. E a Célia Fiamenghi por aceitar o convite para a ser a debatedora de meu trabalho.

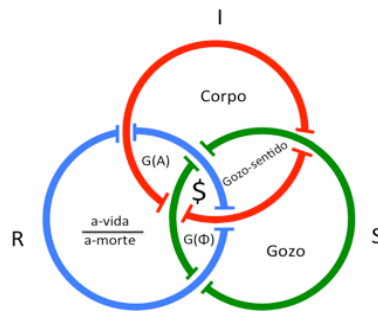
Embora não exerça mais, uma prática analítica com crianças, aceitei o convite, para compartilhar algumas ideias que mantenho e que implicam a Psicanálise, nessa atividade, com Crianças. Aqui, de início, quero reafirmar que, em nenhum momento, a Psicanálise é conclusiva sobre qualquer um de seus fundamentos e, assim, diferentes leituras poderão ser feitas. Por isso mesmo, é preciso tomar partido e estabelecer alguns limites, pois cada analista inventa a psicanálise que pratica.

Quando se procura desenvolver a prática analítica com **Crianças** e, mesmo, com adolescentes, considerando seus diferentes níveis de desenvolvimento, uma primeira questão que se coloca, é o que se pode esperar da eficácia da psicanálise, com uma criança que está começando a falar, que metaforizei, em certo momento, como um “**Sujeito de fralda**”, ou com uma criança que já adquiriu a função da fala, e que nomeei de um “**Sujeito de calça curta**”. Aqui, portanto, vou considerar certos limites do *Discurso Analítico*, buscando estabelecer alguns fundamentos que determinam nossa prática com **crianças**, procurando identificar e avaliar esse suposto **Sujeito**, que se torna o “objeto da Psicanálise”.

Desde Freud e, sobretudo, a partir do ensino de Lacan, que a Psicanálise está implicada ao campo da linguagem. Diferente da linguagem estruturalista, que se sustenta no signo e que é privilegiada na “teoria da Comunicação”, onde as palavras quando utilizadas, contemplam uma significação e uma gramática, compartilhada entre os seres falantes, a estrutura que opera na Psicanálise, é concebida de uma outra maneira. É concebida como uma **rêde**, formada por letras e significantes, que guardam uma vizinhança topológica e, ainda, que é enriquecida pela polifonia. Lacan, a nomeou de *Lalangue*¹, escrita numa só palavra e que, no brasileiro, vou transliterar para **Lalíngua**.

Em seu ensino, esse somatório de Lalíngua veio a se formalizar através da escritura da **cadeia borromeana**, quando o **Imaginário**, o **Real** e **Simbólico** são enlaçados de uma maneira especial, estabelecendo diferentes campos de gozo, diante dos quais o **Sujeito** terá que aprender, desde cedo, como se defender, destes efeitos devastadores, no curso de sua ex-sistência.

1 Lacan, J., Sem. *Le savoir du psychanalyste*, aula de 04/11/1971. Éditions de l' Association Lacanienne Internationale.



O QUE É O SUJEITO, NA PSICANÁLISE?

Esse somatório de Lalíngua atua sobre o vivente, ou mesmo sobre um “*sujeito primitivo*”, como Lacan propôs, através de uma *forclusão radical*, que determina uma **perda** irreversível em sua estrutura. Trata-se de uma operação que não se expressa, de uma maneira empírica, como uma *falta* disso, ou daquilo, mas como uma condição essencial, que vai produzir uma *desnaturalização, do humano*, transformando-o num “**Ser de linguagem e de sexo**”, que passa a habitar num *im-mundo* construído por palavras e frases, e ainda, mantendo a presença de um **falta**, permanente, para que ele possa existir, como um **Sujeito dividido**, denotado por um (S) barrado (\$)

Essa **noção de Sujeito**, na Psicanálise, não corresponde a uma condição comum, que faça parte de qualquer outra área do conhecimento, mas testemunha um fundamento, no ensino de Lacan. Com efeito, na **prática da análise**, mesmo que realizada através de uma **criança**, um **adolescente** ou um **adulto**, o que deve ser considerado é a existência desse **Sujeito**, que toma o estatuto de uma *função*, no próprio sentido matemático do termo, mantendo uma alteridade permanente com qualquer noção de *subjetividade*, que se queira lhe atribuir.

Dito de outra maneira, esse **Sujeito**, na Psicanálise, não corresponde a uma pessoa, a um ser vivo, com sua anatomia, fisiologia e bioquímica e que faça parte de um desenvolvimento “natural”; nem mesmo corresponde à essa instância que é o “**Eu**”. Como a Psicanálise, em sua essência, é anti-anatômica, esse **Sujeito** se manterá, sempre, fora da anatomia, não passando por etapas de desenvolvimento equivalentes à essas do humano. Portanto, ele passa a ser concebido, como um **Ser sem substância** e, assim, deverá ter o suporte de um **Corpo**, de um Bebê, de uma Criança, de um Adolescente, ou de um Adulto, para se movimentar.

Nessa condição, portanto, que contempla a Psicanálise e, aqui, estou aludindo a um espaço topológico, definido pela **cadeia borromeana**, o **Sujeito** é mantido numa coexistência de letras e significantes, que o representa como um UM. Não se trata de uma unidade imaginária, nem de um **UM** contável do simbólico, mas como um **Sujeito dividido** (\$), que é representado por um UM, que adquire o estatuto de um “enxame” (“*l’essaim*”), que tem uma dimensão do **REAL**.

Diferente do que Freud sugeriu, com o mito de “Totem e Tabu”, ou do que a intuição pode nos levar a inferir, de que o humano incorpora a linguagem, esse **envelope sonoro da cadeia borromeana** é que irá produzir uma **operação de INCORPORAÇÃO**, desse suposto “*Sujeito primitivo*” que, assim, será transmutado num *Ser-de-linguagem-e-de-sexo*, ou nesse **Sujeito dividido**, que terá suas diferentes realidades e, até mesmo, o funcionamento do **Corpo** que irá sustentá-lo, “contaminado” por esse somatório de Lalíngua, por toda vida.

Assim, o “**infans**”, que sustenta o **Sujeito**, ao mesmo tempo em que recebe o leite, no ato de se alimentar, através desse processo inicial de **Incorporação**, ele coloca pela mesma via, para o “interior”, outros elementos que não têm o estatuto de uma substância, mas que podem ser olhados como “matéria”: os significantes, as letras, a voz, entre outros.

O **Sujeito** numa condição lógica, mas, sobretudo, topológica, é envolvido desde cedo por essa estrutura linguageira, que é representada pela **cadeia borromeana**, sob essa condição de um *Ser mental*, que embora esteja na linguagem desde cedo, só terá sua existência definida, quando sustentado por um **Corpo**, que adquire, também, o estatuto de um elemento fundamental, da Psicanálise.

Dessa maneira, essa estrutura de linguagem que estou nomeando de **Lalíngua**, ela se presentifica para o **Sujeito**, desde cedo, antes de ter **nascido** e, mesmo, de ter sido concebido, pois desde os primeiros meses de gestação, o feto já é capaz de registrar estímulos sonoros. Assim, antes de incorporar as palavras e de poder repeti-las, sem qualquer processo criativo, mas só para dar continuidade à sua existência, esse “**Sujeito de fralda**”, como cheguei a nomeá-lo, ele já é afetado por essa condição linguageira. Assim, essa operação de linguagem que desnatura o humano, o Sujeito sob uma condição, de que ele não corresponde a uma pessoa, a um ser vivo, com sua anatomia, fisiologia e genética, e, ainda, determina uma disjunção com essa noção de qualquer subjetividade que se queira lhe atribuir.

Num momento, mais avançado de seu ensino, Lacan produziu uma homeomorfia entre essa concepção do **Sujeito** e o **objeto (a)**, que ele havia colocado no “coração da cadeia borromeana”, nesse *lugar de gozo*. Assim, ele substituiu o (a), pelo **Sujeito** (\$), sustentado pela presença de um **Corpo de Bebê, de uma Criança, de um Adolescente, ou de um Adulto** e passou a defini-lo, como “**uma resposta do Real**” e o **próprio objeto da Psicanálise**. O **Sujeito**, portanto, ocupando esse lugar que se torna causa do próprio enlaçamento da *cadeia borromeana*, realiza a cada momento, em ato, “*um efeito de sujeito*”², com diferentes formas de “**heteridade**”, em que busca minimizar isso que se produz como manifestações localizadas e pontuais de gozo, que fazem parte da estrutura borromeana e que tendem sempre a devastá-lo. E quanto menor, a idade do **Corpo** que o sustenta, pior, para o Sujeito.

Quando se utiliza um “critério de evolução”, como o BEBÊ, a CRIANÇA, o ADOLESCENTE e o ADULTO, para construir, ou mesmo delimitar a prática da análise, corre-se sempre um risco de implicar a Psicanálise, ao Discurso das Ciências, ao Discurso do Universitário, ou mesmo, a uma condição pedagógica.

Aqui, ainda, é preciso considerar que esse processo de colocar para dentro, o que está fora, não corresponde, simplesmente, a um mecanismo realizado através da boca, como um ato de se alimentar. De um ponto de vista topológico, a boca, o nariz, o ouvido, os olhos, pode-se acrescentar a vagina, o ânus, a pele ..., eles vêm se constituir em “buracos de incorporação”, que operam a partir de um **tempo lógico** em que a estrutura de *Lalíngua*, vai se constituir nesse envelope sonoro que irá envolver o Sujeito a partir de um materialismo radical e inscrever, na superfície do Corpo, isto é, na carne, marcas decorrentes das letras e dos significantes, que passam a adquirir um duplo valor:

- em primeiro lugar, como “*signos de pertinência*”, que vão produzir diferentes tipos de Identificação;

- em segundo lugar, como marcas que se inscrevem com “*valores eróticos*”, através de *manchas, escaurificações, tatuagens, cicatrizes*, inclusive aquelas mesmo relacionadas às *cirurgias plásticas*, que guardam uma relação com o “desejo do Outro”, esse grande Outro que nem mesmo existe.

Essa **operação de Incorporação** vai, também, determinar os limites do **CORPO**, que não são mais estabelecidos pela anatomia, mas através de diferentes *ficções e mitos parentais*, que vão delimitar

2 Lacan, J., em *L'Étourdit*, Scilicet, 4, Seuil, 1973.

a *superfície*, a *forma* e contribuir para sucessivas *imagens corporais*, produzindo uma sucessão de *Identificações imaginárias*, até uma última, como uma “**identificação resolutiva**”, que se torna responsável pela constituição do **Eu (Moi)** e da **imagem do Corpo**. Uma condição que aponta para essa noção de um transitivismo permanente, entre o “**eu e o outro**” (o semelhante), em que o **Sujeito** é vestido, de início, com amor, ódio e ignorância, por um tipo de “**imagem-hábito**”, **quando se faz mancha, para “se fazer olhar**”. Essa **identificação imaginária** sustenta, também, efeitos do **Simbólico**, onde se cria uma condição, para que se inscreva o que está relacionado à ordem, à hierarquia, à partilha e diferentes trocas, mostrando como estas relações estão implicadas com o estatuto desse **Corpo**, que sustenta o Sujeito e que sofre, ainda, efeitos do **Real**, que faz gozar, sempre de uma maneira “autoerótica”, pois em última instância, **todo gozo é gozo do Corpo**.

Desde que essa estrutura borromeana guarda propriedades do espaço, onde ela é concebida, como um “**espaço quântico**”, muitas consequências devem ser avaliadas a partir daí, sobretudo, mostrando as condições que aproximam e diferenciam a **criança** do **adulto**. Aqui, no entanto, é preciso considerar que o **Sujeito não tem idade, não tem cor, não tem sexo** e mais, ainda, ele não faz parte de um desenvolvimento “natural”, pois ele se mostra como uma **função**, no próprio sentido *matemático*, do termo. Portanto, torna-se equivalente a um “*lugar vazio*”, que só se realiza como um efeito dessa estrutura de linguagem, quando aparece como um **Ser mental**, que não deve ser confundido, também, com um *sujeito gramatical*, com um *interlocutor* e, nem mesmo, com essa instância que é o **Eu (Moi)**, com a qual mantém uma relação de alteridade radical.

Assim, quanto mais o **Sujeito** estiver impossibilitado de utilizar de elementos do **Simbólico e do Imaginário**, como a fala e suas imagens, **ele será sempre mais pesado**, como nos **bebês** e nas **crianças**. Com efeito, em cada ponto da *malha simbólica*, que é causada pelo Real, precipita-se, em geral, um “**nó de sentido**” (um **gozo-sentido**), que vai instituir uma franja do que é **admissível e insólito**, para ele. Dessa maneira, na análise, nenhum “*dito*” é inocente, pois ele recobre e traz muitas vezes, o segredo de uma catástrofe anunciada, como em “*feliz férias*”, “*boas provas*”, “*que Deus o acompanhe*”, “*faça uma boa viagem*”. Uma palavra ou uma frase, por mais banal que possa parecer, pode se transformar numa sentença obscura ou injuriosa para o **Sujeito**, já que o sentido da frase não depende de quem fala, mas de quem a ouve e a escuta.

Assim, ao se falar de uma prática analítica, especificada com **Bebês, Crianças** e, ainda, com **Adolescentes**, esse “**critério de desenvolvimento**” determina uma envoltura para o *Sujeito*, que não é uma via a ser compartilhada, na Psicanálise, pois, assim, corre-se o risco de defini-la como uma “*especialidade*”.

Aqui, vou tomar partido para considerar, que na prática analítica, quem demanda uma análise, tem que testemunhar o que espera, como resultado de seu pedido. Algo, portanto, que diferencia a demanda de um adulto, em relação a de uma criança e, mesmo, a um adolescente, que ao serem levados pelos pais, para uma análise, a transferência não se constrói da mesma maneira.

Nos casos de **Bebês**, essa função **Sujeito**, sob transferência, passa a fundamentar a prática analítica, como o efeito de uma “**Psicanálise em extensão**”. Uma condição próxima ao que acontece com a Psicanálise, muitas vezes, nos Hospitais, nas Clínicas Médicas e nas Instituições, quando a demanda, a transferência e a duração da análise, são subvertidas por outras condições.

Tendo colocado já algumas questões, o que diferencia, na Psicanálise,

- a prática com uma **Criança**, daquela realizada com um **Adulto**?
- ou, ainda, se existe uma “**verdadeira análise com uma Criança?**”

- o que se pode e deve fazer, para que a prática analítica com **Crianças** (e, mesmo, com Adolescentes), possa produzir efeitos, que vou nomeá-los de **retificadores de uma normatização do Sujeito**?

- quais os elementos comuns que mantêm uma continuidade, entre “o espaço e o tempo”, na **hystória** de um **Sujeito**, que é sustentado por um corpo de **Criança, ou de Adulto**?

Existem outras perguntas que poderiam ser colocadas, mas vão ficar para outras ocasiões. Para responder às questões colocadas, vou considerar, de início, que na prática da análise, de uma maneira analógica, existem várias respostas ao que vem primeiro para o **humano** - a linguagem, o Simbólico, Lalíngua, Deus, o Verbo, a ação, o movimento..., entre outros elementos. Enquanto que para o **Sujeito**, considerando a condição de uma *Análise em Intenção*, o que vem primeiro é o **Real**, que não só aparece duplicado, como se escreve, na cadeia borromeana, que é a própria noção de estrutura, como o Sujeito, ocupando o “coração da cadeia borromeana”, ele passa a ser concebido como “**uma resposta do Real**”.

Para definir outras condições da **CRIANÇA**, na análise, não vou considerá-la como uma etapa de desenvolvimento do humano, mas, **como o momento de um “Corpo ainda em desenvolvimento e com limites”, que vem dar suporte ao SUJEITO**, pois na prática analítica, sem um **Corpo**, a psicanálise não caminha. Tendo feito uma referência à noção do **CORPO**, gostaria de lembrar que sem ele, a Psicanálise pode virar letra morta, se transformar em Ciência, em Filosofia, em Religião, entre outras condições. Todavia, essa **noção do Corpo** que dá suporte ao **Discurso Analítico**, não é equivalente ao **Corpo** da anatomia, mas de uma noção que passa a sustentar o Sujeito, desde cedo, e que se constitui sob uma tripla função:

COMO UM CORPO DO IMAGINÁRIO, que começa a ser construído através do “olhar”, que guarda uma discordância entre o organismo imaturo e fragmentado, do bebê e, mesmo, da criança, em relação às imagens dos “outros” semelhantes, ou mesmo de “objetos estranhos”, que os fascina e os captura, precipitando uma sucessão de identificações, até uma delas que se pode nomear de uma “*identificação resolutiva*”, que funda o *Eu* e a *imagem do Corpo*. Isso quer dizer, também, **que os limites do Corpo não são estabelecidos pela anatomia através da pele**, mas pela intervenção deste somatório de *Lalíngua*, que através de diferentes “*fixções*”, estabelece *volume, forma* e, ainda, um tipo de “*imagem-hábito*” que servirá como mancha, para o Sujeito *se fazer olhar*, no curso de sua existência.

UM CORPO DO SIMBÓLICO que se constrói a partir de “*diferentes vozes*”, que mesmo sem qualquer representação, chegam até o Bebê, com manifestações de gozo. Assim, o *Sujeito* sustentado no corpo de um Bebê, ou mesmo de uma criança que ainda não fala, passa a repetir diversos “sons”, para fazer seus primeiros apelos, que venham dar uma continuidade à sua existência³. Através destes elementos simbólicos, o **Corpo** passará, também, a ser preenchido com seus órgãos, que são transformados em “instrumentos de trabalho”, adquirindo uma variedade de funções relacionadas aos movimentos, às sensações e mesmo à produção de diferentes secreções, que vêm enriquecer o organismo e o próprio **Corpo** da anatomia.

UM CORPO DO REAL que não deve ser confundido com o organismo e nem mesmo, com a divisão dos gêneros, macho e fêmea. O **corpo do Real** funciona num tipo de “*fisiologia excluída*” e se mostra como uma **substância de gozo** que não se expressa através de uma condição imaginariamente unificada, mas através de **pedaços do Real** e de buracos que já existem no organismo e, mesmo, de outros “*buracos abstratos*”, que podem ser construídos pelo efeito de *Lalíngua*. Essa presença do **Real**, no **Corpo**, mantém o sujeito numa estranheza permanente, sempre recoberta de uma ignorância que faz parte das paixões do Ser, tendo um peso maior, para os Bebês e as crianças, pois faltam elementos simbólicos e imaginários, que os auxiliem a se defenderem, destas diferentes manifestações de Gozos.

³ Lacan, J. , em *Radiophonie*, Scilicet, 2/3, 61, Paris, Seuil, 1970.

Estes diferentes efeitos de *Lalíngua* podem paralisar, aumentar, ou diminuir a sensibilidade de áreas do **Corpo**, de modificá-las e até mesmo de “excluí-las”. Nada do organismo, inclusive seu desenvolvimento físico e mental, fica excluído desses efeitos languageiros, que leva o **Sujeito ao ser sustentado por um corpo infantil, a caminhar do mal para o pior, com mais facilidade**.

Aqui, no entanto, a Psicanálise, em sua prática, não deve instituir uma clivagem entre “gente grande”, ou “gente pequena”, para levar uma análise adiante, mas de se considerar suas diferenças, a partir de certas condições, em que o *Sujeito*, este **Ser-de-linguagem-e-de-sexo** está sendo sustentado no **Corpo** de uma criança, ou de um adulto. Qual o futuro analisante que irá sustentá-lo? Qual será a demanda de uma análise e como aceitar as regras do jogo, se é uma **criança**, um **adolescente** ou um **adulto**?

Aqui, não é excessivo se considerar, que uma **Criança** quando chega para uma análise, em geral, ela é levada pelos *pais*, ou *cuidadores*, que tendem a demandar uma busca de “**normalização**” **social, familiar**, ou mesmo, **escolar**, entre outras condições. Trata-se, portanto, na maioria das vezes, de um pedido que traz uma vertente “**educativa**” e “**normalizadora**”, diferente do que se pode esperar, da demanda de uma análise, em adulto.

Por isso mesmo, a demanda de uma análise, ainda que se considere o **SUJEITO**, sustentado pelo **Corpo** de um **BEBÊ**, uma **CRIANÇA**, ou um **ADOLESCENTE**, ela deve ser contemplada fora destas etapas de desenvolvimento, embora que não se perca os limites que ela apresenta, pela idade, o gênero, a cor, entre outras condições que o **CORPO** que o sustenta apresenta.

Outra questão essencial, ainda, a se levar em conta, num pedido de análise, para **Crianças** e, mesmo, para **Adolescentes**, nas entrevista iniciais, o analista deve ter muita prudência e tolerância, pois o relato dos pais, em relação ao que não anda bem com os filhos, pode se encaminhar para uma construção, que procura mantê-los em determinadas posições relacionadas aos próprios **gozos parentais**, sem considerar o que eles sofrem, com isso. Além disso, uma análise com **Criança** e vou incluir, também, com o **Adolescente**, é um trabalho que embora tenha um **término**, ela nunca chega a seu **final**, pois existem limites que não poderão ser ultrapassados:

- a questão da idade que dá suporte ao Sujeito, conta, pois a resolução **final** de uma análise sempre se encaminha para a possibilidade da produção, de um analista, algo que não poderá ser produzida nesse período, com a criança e o adolescente;

- aqui, também, uma dependência que se mantenha em relação aos pais, ou cuidadores, ainda que inviabilize um **final da análise**, o Sujeito, sustentado por uma **criança**, ou um **adolescente**, poderá se fazer um “escabelo”, nesse tempo que realiza sua análise, obtendo um resultado satisfatório do seu trabalho;

- nesse cenário, muitas vezes, uma análise se serve das figuras encarnadas do “Pai” e da “Mãe”, como referências para responsabilizá-los, pelas vicissitudes do que acontece aos filhos. Uma condição que embora tenda a se manter, no jogo, em muitas situações analíticas, não se trata de uma condição rigorosa com a prática da análise.

Por isso mesmo, Lacan passou a considerar que a “**Mãe**” e o “**Pai**”, na prática analítica, não deveriam ser concebidos como a “parideira” e aquele que a engravida. Embora isso possa fazer parte da cena conjugal, familiar e social, que eles possam cuidar dos filhos, atribuindo-lhes nomes que suportam valores fantasmáticos e de gozo, determinando posições na ordem geracional e elaborando a presença de paixões e vaidades..., entre muitas outras questões, na Psicanálise, eles devem ser avaliados de uma outra maneira, através de duas funções: o **desejo-da-Mãe** e o **significante Nomes-do-Pai**.

A POSIÇÃO DA MÃE

O que o **Bebê** suporta desde cedo, em sua existência e, até mesmo, antes de ter nascido, ou que tenha sido concebido, é essa função “*o desejo-da-Mãe*”. Ainda, que na cena social, as relações entre a “*Mãe encarnada*” e os filhos possam funcionar com alguma harmonia, quando se trata da relação subsumida à essa função “*desejo-da-Mãe*”, ela e seu “produto” terão que elaborar muitos trabalhos e um “saber-fazer”, para estabelecerem algum tipo de relação, que os harmonize.

Assim, o que o **Bebê** encontra desde cedo, em sua existência, é a presença de um **desejo da Mãe**, sempre inconsciente e intransitivo, que se constitui num enigma, do que ele irá significar para ela? O que ela quer dele? Embora não haja uma resposta que o satisfaça e, ainda, mantendo-se ignorante desta condição, ele vai querer satisfazê-la. Com efeito, na cena social, mesmo que as relações entre a **Mãe encarnada** e seus “produtos”, possam se encaminhar para um funcionamento harmonioso, quando se trata da relação entre o *desejo-da-Mãe* e seus “**produtos**”, as relações nem sempre se desenvolvem no que está prescrito por ela, existindo entre eles, uma desproporção, que os desarmoniza.

Dessa maneira, o **Bebê que sustenta o Sujeito**, a partir da leitura que vai fazendo dos significantes e signos, que vai recebendo do “Outro materno”, ele vai tentando construir algo, que não importa se é para seu bem, ou para seu mal. Em relação à essa condição desejante da Mãe, constituir-se e ocupar essa posição de “**objeto causa do desejo da Mãe**”, mesmo que ele possa ficar revestido de algo idealizado, essa relação “**desejo da Mãe e seu produto**”, guarda efeitos do **Real**, que o levará a se encaminhar numa dupla via:

- como um objeto idealizado e esperado, maravilhoso e vindo com as “graças de Deus”;
- mas, também, como um objeto não esperado, inconveniente, fora de época, com sexo trocado, feio, precisando ser descartado, ... entre muitas outras condições, que obedecendo, ainda, a uma condição pulsional, ele é colocado como um “objeto”, a ser comido, defecado, para **se fazer olhar**, entre outras condições.

Essa “*função desejo-da-Mãe*” procura manter seu “produto”, como um objeto causa do desejo, como um objeto de gozo, que busca preservar a ilusão de uma completude imaginária, com ele. Para isso, no entanto, a **Mãe**, tende a abrir mão de sua condição de Mulher, de sua feminilidade, para manter essa condição da maternidade, tentando preservar sua dependência ao poder fálico construído na gestação, que poderá ser olhado com algum romantismo, mas que irá dificultar sua posição sexuada como Mulher e a relação com seu “**produto**”.

Assim, após o nascimento do filho ou da filha, e na sequência do parto, muitas vezes, a **Mãe** pode desenvolver uma crença “paranoica”, de ter sido abandonada por seu “produto” e, mesmo, por seu companheiro e, desta maneira, torna-se incapaz de realizar um luto adequado dessa separação, passando a ser ocupada por um *desejo, sempre, inconsciente*, de fazer com ele, com ela, ou com eles, o mesmo que “eles fizeram com ela”, de abandoná-los.

Isso traz seu preço. Afetada, muitas vezes, pela culpa desse desejo, a **Mãe** pode desenvolver, no puerpério diversas manifestações patológicas, como depressão, doenças somáticas, o aparecimento de traços psicóticos, tornando-se impedida de cuidar do seu “**produto**”, produzindo estragos em sua relação, com ele e com ela mesma.

Do lado do filho, ou da filha, sustentar os efeitos do *desejo-da-Mãe*, sem limites e sem prudência e, mesmo, ficar submetido à função de uma demanda materna, isso pode colocá-los diante de um enigma, que eles terão que levar um longo período da vida, para significá-lo: O que ela quer de mim? O que sou para ela? Algumas vezes, são questões que não se resolvem, por toda a vida.

A POSIÇÃO DO PAI

Quanto à **posição do PAI**, ele não fica reduzido ao genitor e, assim, é através de uma condição simbólica, que ele terá implicada, sua paternidade. Lacan sugeriu que o **PAI** tende a ocupar seu lugar, como um elemento significante, como um “**significante Nome-do-Pai**”; mais adiante, ele recolocou essa condição como “**significante-Nomes-do-Pai**”, que viessem intervir sobre o “**desejo-da-Mãe**”. Uma operação que pudesse privá-la desse objeto causa do desejo e de gozo e que ele a nomeou de **Metáfora Paterna**. Em certo momento de seu ensino, ele chegou a considerar a eficácia da **Metáfora Paterna**, como uma condicionalidade da **Mãe**.

Nesta relação, que vou colocar entre aspas, como “**idealizada**”, entre o **desejo-da-Mãe** e seu “**produto**”, sob essa condição em que a **Mãe** se satisfaz e goza com ele, o preço inicial, que ambos pagam, para conservarem esta ilusão de um ideal compartilhado a dois, é um efeito sobre a posição sexuada, de ambos. A **Mãe**, ao procurar manter seu produto, de continuar **desejando ser Mãe**, fica impossibilitada de passar para sua posição de Mulher. Quando ao seu “**produto**”, ele tende a não se inscrever, na ordem simbólica, como um “ser sexuado”, sendo mantido com os contornos de um objeto de gozo para a **Mãe** e, por extensão, também para o **Pai**, guardando essa condição, como um peso de Ser e de sua dor de existir.

A partir da inclusão da cadeia borromeana, na Psicanálise, Lacan chegou a sugerir um outro desenvolvimento para a **Metáfora Paterna**. Assim, o próprio **Sujeito**, sustentado no **Corpo**, de um filho, ou de uma filha, como um “artesão”, representante desse objeto causa do desejo, ele mesmo procura privar a **Mãe**, desse objeto que ele é seu representante, elaborando para isso, um tipo de intervenção simbólica no Real, que vem produzir uma operação de *separação*, equivalente à uma “Privação”. Uma operação em que o próprio **Sujeito**, sustentado na condição de um “produto” materno, procura sair dessa posição, de **objeto causa do desejo-da-Mãe**, privando-a desse seu “objeto de gozo”, sob uma condição que vai machucá-la, que vai fazê-la sangrar.

Esta operação mostra a dificuldade que ele mesmo terá que passar, pois para suportar um tipo de identificação, ao **significante Nome-do-Pai**, quanto menor e com menos instrumentos simbólicos, mais pesado e doloroso, é para ele, ainda que um pai, da realidade, possa ajudá-lo.

Essa aproximação que o *Sujeito* desenvolve, em relação ao **significante Nome-do-Pai**, o coloca numa posição fálica e numa posição até, mesmo, paradoxal, para elaborar esse peso do Ser. O amor que o **Sujeito** desenvolve, em relação ao “**significante Nomes-do-Pai**”, que vem retirá-lo dessa posição de capturado pelo “**desejo-da-Mãe**, fazendo limites aos efeitos do Real, como “gozo do Outro” e, também, dando limites ao incesto, aqui, ainda, sustentado num **Corpo** infantil, desenvolve-se a produção de um **gozo fálico**, que embora não convenha, pois todo gozo é gozo do **Corpo**, essa é uma condição que pode, também, aliená-lo, deixando-o subsumido a diferentes “**versões do Pai**”, que Lacan nomeou através de um neologismo “**pai-versão**” (“*père-version*”). Isso mudará a presença de um gozo, que o afeta desde cedo, levando-o a gozar de uma maneira fálica, rompendo com a ilusão de uma ligação “idealizada” com a **Mãe**, nessa posição de um objeto para ser gozado. Nesse movimento, quero considerar, ainda, que quanto menor é o corpo que sustenta o **Sujeito**, mais doloroso para ele, realizar essa operação.

Assim, também, no curso de uma análise, com **Crianças** e **Adolescentes**, eles serão convocados a produzirem diferentes “*fixações*”, a fim de preencherem **esses buracos, em sua ex-sistência**, através de *hystórias*, que cada um procura escrever, a cada momento. Como venho propondo, nada que acontece ao **pensamento** e ao **Corpo** que sustenta o **Sujeito**, fica excluído dos efeitos desse somatório de *Lalíngua*. Portanto, essa possibilidade de poder criar um **modelo épico**, àquilo que opera na estrutura, é que vai fundamentar a prática da psicanálise, como algo que possa a ter uma eficácia, tanto sobre a criança, como no adolescente e no adulto, que sustentam o **Sujeito**, desde

quando o “mal estar” não é da Cultura, mas é sempre da **estrutura**, onde o **Sujeito** busca encontrar alguma legitimidade, nesse seu lugar, que venha fundamentar seu desejo e ainda que possa suportar os diferentes gozos que afetam sua ex-sistência, pois é isso que o faz sangrar. É o preço que paga, para exercer suas diferentes posições de heteridade.

Para que **o filho, ou a filha, procure se proteger do desejo-da-Mãe**, interditando o incesto e buscando fazer limites aos efeitos do Real, através desse gozo do “Outro materno” e, também, subsumido à diferentes “*versões do Pai*”, o que é essencial, numa análise, é que o SUJEITO elabore um “saber-fazer” para conseguir se desembaraçar dessas condições gozosas parentais.

Com tudo isso, o que fazer e como fazer, para que a prática analítica, possa produzir efeitos, que nomeei acima, de “**retificadores na normatização do Sujeito**”, sobretudo, numa prática com crianças. Desde sempre, ele vai se constituir com um *Ser-falado-e-de-sexo*, que passa a ser usado por *Lalíngua*, que através da *cadeia borromeana* dará suporte às letras e aos significantes, a serem usadas, também, pelo analista, num tipo de **Psicanálise em Extensão**, convocando-o a ter muita tolerância e prudência, na condução da análise, pois em relação à posição do **Sujeito**, sustentado no corpo de uma criança, haverá uma tendência a uma fragilidade, na transferência, na demanda e, sobretudo, na suposição de um Saber, que possam ser mantidos no curso da “análise”. Esse é o nosso trabalho. Vou parar por aqui e mais uma vez agradecer a todos essa oportunidade de discutir, algumas destas questões da prática analítica com crianças.

Até uma próxima vez e obrigado.